

TRAFEGANDO NA CONTRACORRENTE: A DESCOBERTA DO FRIO COMO CONTRALITERATURA

Auliam da Silva¹ (UNAMA)

RESUMO: A proposta deste trabalho busca compreender a novela *A descoberta do frio* (2011), do escritor afrodescendente Oswald de Camargo, como contraliteratura, isto é, uma obra situada fora do cânone da literatura brasileira, mas que questiona e subverte um discurso específico – a “democracia racial” no Brasil. Para a realização deste trabalho, partimos dos pressupostos de Bernard Mouralis, Zilá Bernd, Florestan Fernandes, Munanga e Gomes, Florentina Souza entre outros estudiosos.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura Negra. Racismo. Oswald de Camargo.

A LITERATURA NEGRA COMO FORMA DE CONTRALITERATURA

Zilá Bernd nos afirma que há algumas “regiões” da literatura brasileira que permanecem na penumbra, como por exemplo, a literatura negra. Para essa estudiosa, não é por simples acaso que determinadas obras não acumulam fortuna crítica. É evidente que em alguns casos falta-lhes qualidade estética. Contudo, Bernd nos salienta que

(...) Não podemos ser ingênuos a ponto de ignorar os processos de manipulação que sofrem os textos literários e que seu sucesso ou seu esquecimento podem ser forjados de acordo com determinados interesses.

Nossa hipótese é a de que, em determinados contextos, as obras onde emerge *A Voz dos Vencidos*, representado a sua visão da História, não interessam à literatura enquanto instituição sendo, portanto, ignoradas (BERND, 1988, p. 17).

Para a professora Zilá Bernd (1988) há “instâncias legitimadoras” que são responsáveis pela trajetória das obras e seu acúmulo de fortuna crítica. Apropriando-se das discussões realizadas por Pierre Bourdieu em *Le marché des biens symboliques* (1971), a pesquisadora nos assegura que jornais, revistas, editoras e livrarias são responsáveis pela “emergência” das produções literárias; já crítica e a historiografia literária ficam incumbidas pelo “reconhecimento” desses textos; bem como prêmios e

¹ Graduando em Letras – Língua Espanhola pela Universidade da Amazônia (UNAMA).

academias garantem a “consagração” enquanto as escolas e bibliotecas possibilitam a “conservação” das obras literárias.

Bernd (1988) entende que as “instâncias legitimadoras”, ao interferirem na “canonização” das obras, podem nos evidenciar que a qualidade estética não é o único fator determinante para sua a sacralização ou para o seu banimento. Thomas Bonnici (2011) compactua com esse tipo de pensamento de Zilá Bernd. Tendo como ponto de partida as discussões de Michel Foucault e Terry Eagleton, Bonnici entende que a consagração de determinadas obras também depende de questões extraliterárias, como por exemplo, o poder e as classes dominantes. Segundo esse autor

(...) a interpretação, o discurso e a escrita, intimamente ligados ao saber, são formas de dominação pertencentes aos poderosos e à classe hegemônica da sociedade. Portanto, a escolha e a interpretação de determinados autores e livros e, concomitantemente, a exclusão de outros, são tarefas poderosas executadas a partir de uma posição social que reflete a ideologia de quem julga e interpreta (BONNICI, 2011, p. 113).

Entendendo que há fatores extraliterários que inviabilizam determinadas obras de terem seu devido reconhecimento, a hipótese de Zilá Bernd (1988) é a de que os textos literários, com um potencial revolucionário e desagregador da ordem vigente, são desqualificados enquanto literatura por apresentarem uma ameaça para as “instituições legitimadoras” e classes dominantes.

Situada nesse âmbito, Zilá Bernd nos apresenta a literatura negra. Para essa estudiosa, várias obras compreendidas como literatura negra (afrodescendente ou afro-brasileira), ao apresentarem aspectos revolucionários e subversivos para com determinado campo literário e/ou discurso específico, são desqualificadas enquanto literatura. Segundo a professora

Por violarem as regras do contrato de escritura em vigor e por permitirem que venha à tona o homem concreto e sua denúncia esses textos, que navegam na contracorrente literária, vão se manter, ao menos por algum tempo, nas fronteiras da marginalidade, se não completamente marginais (BERND, 1988, p. 44-45).

Partindo das ideias de Deleuze e Guattari em *Kafka: por uma literatura menor* (1977), Zilá Bernd (1988) entende que a literatura negra pode ser compreendida como *literatura menor*, pois ela apresenta possibilidades de revolução no âmbito da literatura estabelecida. Entretanto, o termo “menor” (mesmo não apresentando sentido pejorativo), juntamente com “marginal”, pode ser associado a critérios depreciativos. Por conta disso, Zilá Bernd (1988) acredita que a expressão mais oportuna para se referir à literatura negra é a ideia de contraliteratura. Segundo essa estudiosa:

Por construir-se, pois, no contrafluxo, é que Mouralis cria a expressão *contraliteratura*, a meu ver mais adequada para designar este tipo de ação literária [da literatura negra]. Para este crítico, as contraliteraturas se constituem no momento em que surge um discurso “que se assume tão completamente que nem outro, de ora em diante, poderá ocultá-lo ou desviá-lo”. Caracterizando-se por uma postura crítica no interior do campo literário instituído, a contraliteratura se estrutura como contestação sistemática dos valores representados pela cultura dominante (BERND, 1988, p. 43).

Zilá Bernd entende que a literatura negra (por ser uma “região” não canonizada pela literatura brasileira e por apresentar uma proposta subversiva, seja do campo literário ou de um discurso canônico) pode ser compreendida como contraliteratura.

Antes de passarmos para a análise de *A descoberta do frio* (2011), acreditamos serem necessários alguns esclarecimentos sobre a contraliteratura, pois esse termo pode ser compreendido apenas como um sinônimo da paraliteratura².

Segundo Bernard Mouralis (1982) há obras que não possuem o estatuto de texto literário, ou seja, textos que não são reconhecidos pela instituição literária. Contudo, Mouralis frisa que dentre essas obras há aquelas que possuem um aspecto “revolucionário” e, portanto, ameaçador para a instituição literária. É com esse duplo aspecto que Mouralis busca conceituar a ideia de contraliteratura Segundo o estudioso

² Segundo Carlos Ceia (2013), a paraliteratura é a designação para todas as formas não canonizadas da literatura, a saber: romance *ultra-light*, literatura pornográfica, policial, popular etc. Textos que, em via de regra, não são aceitos por eruditos, por instituições acadêmicas ou pelos meios de comunicação. Para Carlos Ceia “a vantagem da designação *paraliteratura* (em vez de *infraliteratura*) reside no tom não depreciativo que o prefixo *para-* tem, uma vez que remete para tudo aquilo que fica na margem de e não necessariamente tudo aquilo que não entra na categoria de um *clássico*, por exemplo” (*ibidem*).

Os textos que a instituição literária recusa e que, por essa razão, não entram no domínio do literário, não são apenas textos à margem da “literatura” – ou inferiores a esta –, mas também textos que, só com sua presença, constituem já uma ameaça para o equilíbrio do campo literário, visto que assim revelam tudo o que nele há de arbitrário. “Literatura” e contraliteratura, muito mais que “literatura” e não-literatura: essa é a perspectiva aqui adotada. (MOURALIS, 1982, p. 12-13).

Para Mouralis (1982) é susceptível serem inseridas ao campo das contraliteraturas os textos que não são entendidos e nem transmitidos como “literatura”, como por exemplo: fotonovela, literatura de cordel, ficção científica, romance popular, romance policial, banda desenhada, títulos de jornais, catálogos etc.

Contudo, é importante destacar o duplo aspecto das contraliteraturas. Em primeiro lugar devemos nos atentar para seu aspecto de amplitude, haja vista que as contraliteraturas referendam-se a qualquer tipo de texto não entendido como literatura; e em segundo lugar com relação ao aspecto particular, na medida em que esse termo refere-se também àquelas obras situadas na contracorrente do campo literário ou de um discurso canônico.

Segundo Mouralis (1982) a forma mais plena de contraliteratura que tenciona e desequilibra um circuito literário ou um discurso concêntrico é a literatura negro-africana. Esse estudioso acredita nisso, pois essa vertente da literatura africana

(...) consegue verdadeiramente subverter o campo literário: com o texto negro-africano, encontramos, na realidade, perante o exemplo de uma palavra que se assume completamente e que nenhum discurso sobre ela poderá ocultar ou desviar.

(...) Vai assim criar uma ameaça constante para o dogmatismo e etnocentrismo literários, não tende a nada mais do que a lembrar que as coisas podiam passar-se de outro modo (*ibidem*, p. 13).

Bernad Mouralis (1982) entende que a literatura negro-africana surge como forma de recusa e de denúncia ao conjunto de situações que foram impostas aos negros africanos desde que os europeus irromperam no seu continente e nas suas histórias. Tráfico, escravidão, sistema colonial e racismo. Termos como esses sintetizam a experiência histórica dos povos negros desde o século XVI. E a literatura negro-africana, a par da experiência concreta desses povos, traz em seu bojo a recusa dessas situações, a expressão de uma cultura negra (geralmente analisada “cientificamente”,

sem ser levado em consideração seu valor estético) e a proposta de questionar todo e qualquer discurso que inferioriza ou estigmatiza os negros africanos. Sendo assim, para Mouralis,

O texto negro-africano define-se assim pela sua oposição global ao mundo europeu e às ideologias que este veicula, e mais precisamente por um trabalho específico destinado a de modo definitivo tornar inoperantes os textos que até então tomavam a África e o mundo negro como objecto do seu discurso e usufruíam, neste domínio, uma espécie de monopólio. O protesto contra a situação colonial, a valorização da cultura negro-africana, a neutralização dos diferentes discursos europeus caracterizam inegavelmente um processo de contraliteratura (MOURALIS, 1982, p. 203).

Bernard Mouralis (1982), ao tratar da literatura negro-africana como forma de contraliteratura que (além de não ser “canonizada”) contesta e subverte determinados discursos (sejam literários ou não), tinha em mente também a produção literária de outros povos negros – como, por exemplo, nas Antilhas, nas Américas e na África Saariana – que foram marcados profundamente pelo tráfico, colonialismo, racismo, pela escravidão e criação de *ghettos*.

Mesmo apresentando contextos de produção distintos, Zilá Bernd (1988) entende que, assim como a literatura negro-africana, a literatura negra do Brasil pode ser visualizada como forma de contraliteratura. Grande parte das obras da literatura negra estão situadas fora do circuito canônico nacional; além disso apresentam aspectos subversivos e desestabilizadores, seja do campo literário, seja de um discurso específico. Por conta disso, Zilá Bernd (1988) as considera como contraliteraturas.

A DESCOBERTA DO FRIO E SEU ESTATUTO DE CONTRALITERATURA

Como foi discutido acima, as contraliteraturas dizem respeito àquelas obras situadas fora do cânone e que apresentam um aspecto desagregador, seja de um campo literário, seja de um determinado discurso.

Seguindo essa linha de pensamento, nossa hipótese é a de que *A descoberta do frio* pode ser compreendida como contraliteratura. A novela de Oswald de Camargo se enquadra nos dois aspectos propostos por Bernard Mouralis (1982) sobre as

contraliteraturas. Primeiro porque é obra de um autor não “canonizado” pela historiografia literária do Brasil; segundo porque *A descoberta do frio* (2011), na tentativa de evidenciar a existência do racismo (metaforizado na obra como “frio”), coloca-se contra o discurso que concebe a “democracia racial” como um fato da sociedade brasileira.

Acreditamos que *A descoberta do frio* se posiciona contra os discursos que propagam a existência da “democracia racial” no Brasil. Esse tipo de discurso está evidenciado naquelas personagens que não acreditavam na existência do “frio”, isto é, do racismo.

Como forma de desestabilizar e questionar a validade desses discursos sobre a “democracia racial”, *A descoberta do frio* nos apresenta personagens que nos evidenciam a presença do “frio” no país. Além de Zé Antunes (e sua obsessão em provar a presença do “friíssimo bafo” na comunidade negra), temos: Batista Jordão, padre Antônio Jubileu e Vovô Cumbuca.

Batista Jordão acreditava que o “frio” era uma realidade entre os afrodescendentes. Queria opinar, mas não tinha provas. Entretanto, certa noite, ao olhar seus antigos jornais da *Imprensa Negra*, Batista Jordão encontra um poeta (Pedro Antônio Garcia) que se tornaria a prova cabal de que o “frio” estava presente no país. Com relação a esse poeta, Batista Jordão afirma:

Pedro Antônio Garcia morreu na miséria. Falou e escreveu por doze anos sobre o frio. E os versos se comportavam mal; e palavras de cunho quimbundo, alforriadas, começaram a visitar, com extraordinária frequência, os seus textos. E, sem vergonha do étimo africano, surgiam batucando sobre o chão onde imperara, por dilatado tempo, o soneto alexandrino. Mas a palavra ‘frio’, mesmo assim, continuava a invadir-lhe os poemas, sibilando entre os destroços dos versos de pés-quebrados, outrora tecidos sob regulamentos rígidos do Parnaso.

Nos jornais, de 1920 a 1932, os versos de Pedro Garcia. Nos jornais – sobretudo em *A Voz da raça* – os inúmeros sintomas de que havia frio e o frio secava, engordava o desencanto, separava os grupelhos, meus amigos. Hoje vemos Zé Antunes tentando provar, indo à televisão, levando declarações aos jornais, acorrentando-se ao ridículo (CAMARGO, 2011, p. 95-96).

Como Batista Jordão pode descobrir, Pedro Garcia era um poeta do início do século XX que estava presente em alguns jornais da *Imprensa Negra*. Por um período percebia-se elementos da estética parnasiana nos poemas de Pedro Garcia, contudo, os padecimentos do “frio” que os afrodescendentes sofriam (incluindo ele) evidenciaram-se em sua poética. Se antes adotava versos alexandrinos e palavras requintadas, agora utilizava étimos de origem africana e versos entrecortados. O “frio” estava presente em seus poemas, exprimindo os seus “efeitos” sobre os negros e as negras, fazendo-os desaparecer.

Outra personagem que nos mostra ser “frio” um malefício presente no país é o Vovô Cumbuca. Dom Geraldo (conhecido como o bispo de Maralinga) preocupado com os “casos de frio” que estavam aparecendo na cidade, decide procurar um amigo, Vovô Cumbuca, o qual poderia confirmar se o “frio” realmente existia. Em forma de testemunho, esse amigo de Dom Geraldo relata como o “frio” se manifestava no passado:

– Houve muitas geadas em 1918. Eva, a avó de Vossa Excelência, trocou por cobertores as terras recebidas de Sinhazinha. Houve muita geada. Muito moleque caiu enregelado nas estradas e ali começou a dormir para sempre. Sei de geadas, colheitas perdidas, os negros chorando, o patrão nos talhões, olhando cego, desgovernado (...). Tenho noventa anos, Excelentíssimo. Não se compara a situação de hoje com a de antigamente. Disseram-me, já antes, que eu devia falar a Vossa Excelentíssima (...).
Sim, houve naqueles tempos muita geada, fortes geadas. Muita geada...
As mãos de Vovô Cumbuca tremiam. E no interior do silêncio se poderia ouvir, no topete dos cafezais punidos, o ruído noturno das gotas de gelo. Vovô Cumbuca expusera o que sabia (*ibidem*, p. 102-103).

Por meio do relato de Vovô Cumbuca podemos perceber que o “frio” era uma ameaça que sitiava a população afrodescendentes desde início do século XX. Pela idade avançada, Vovô Cumbuca se atrapalha ao narrar os feitos da “ameaça glacial”. Contudo, mesmo com suas limitações, a memória de Vovô Cumbuca pode alertar Dom Geraldo sobre a presença do “frio” e seus efeitos sobre os(as) negros(as) do início do século XX.

O padre Antonio Jubileu é outra personagem apresentada em *A descoberta do frio* que nos possibilita confirmar a existência da “ameaça glacial”. Esse religioso, ao participar de uma entrevista, nos revela um mistério que pode ter ligação com o “frio”:

- Nos montes Piracaios ainda estão as ossadas.
- De quem? – perguntou, entusiasmado, o entrevistador.
- Dos negros fugitivos, um grupo de oitenta.

A 14 de outubro de 1796 entraram no mato, ao pé dos montes. Candido Justino Alvarenga, apelidado Cândido Canela Fina, chefiou o grupo. Breve, ergueram moradias, feitas com folhas de palmeiras, bambu, o que houvesse, o que aparecesse. Não se sabe por que, todos morreram, de repente, machucados por estranha doença. Todos morreram! Todos morreram! (*ibidem*, p. 84).

Antônio Jubileu tinha reservado em sua memória um fato misterioso sobre um grupo de negros que fugiram da senzala para um lugar chamado Montes Piracaios. Ao se estabelecerem por algum tempo nesse refúgio o grupo dos afrodescendentes, misteriosamente, morrem, deixando como vestígios apenas seus ossos.

O padre Antônio Jubileu afirma na entrevista que os afrodescendentes não foram mortos pelo senhor do engenho como forma de punição pela fuga. Alega apenas que o aniquilamento dos(as) negros(as) foi causado por uma estranha doença.

Sobre o que causou a morte desse grupo de afrodescendentes, nem a personagem Antônio Jubileu nem a narrativa nos deixa claro o que realmente ocorreu. Contudo, acreditamos que esse é um artifício utilizado pela obra de Camargo (2011) para expor uma existência aniquiladora do “frio” presente no final do século XVIII.

A obra *A descoberta do frio* – ao trazer para o tecido narrativo personagens que nos possibilitam confirmar a presença do “frio” na sociedade em que vivem – prontifica-se no sentido contrário dos discursos que apregoam a ideia de “democracia racial”, haja vista que o “frio” nessa narrativa diz respeito ao racismo vigente na sociedade brasileira. O posicionamento subversivo com relação a esses discursos, juntamente com o fato do autor dessa obra não ser “canonizado” pela historiografia literária do Brasil, nos possibilita entender *A descoberta do frio* como contraliteratura. Sobre a questão desse conceito, Zilá Bernd nos assegura ainda que

Os textos da contraliteratura quase sempre se afastam de uma tradição eufórica ou ufanista que encobrem a realidade. Organizando-se como *contradição* a esse tipo de retórica grandiloquente, que camufla os aspectos deprimentes da sociedade como miséria, guerra, racismo, subdesenvolvimento, etc. ela abre uma brecha para o aparecimento da realidade oculta, permitindo ao mesmo tempo o resgate da imagem real do homem e a emergência de um discurso de resistência à opressão (BERND, 1988, p. 43-44).

No intuito de desmistificar a ideia da “democracia racial” *A descoberta do frio* reelabora esteticamente o racismo, transformando-o em um “frio” que afligia a coletividade afrodescendente. Como mecanismo de confirmação dessa “ameaça glacial”, a narrativa de Oswaldo de Camargo nos apresenta várias personagens que, seja por meio de suas lembranças ou de suas experiências, nos possibilitam confirmar a presença do “frio” – o qual compreendemos como o racismo que atinge os afrodescendentes.

Portanto, por posicionar-se no contrafluxo dos discursos que buscam canonizar a inexistência do “frio” (ou seja, a existência da “democracia racial” na sociedade brasileira), juntamente ao fato de ser escrita por um autor ainda não consagrado pela crítica literária brasileira, acreditamos que *A descoberta do frio* (2011) possui um estatuto de contraliteratura.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Assunção José Pureza. Relações raciais no Brasil. In: _____. **Da Senzala à Vitrine: relações raciais e racismo no mercado de trabalho de Belém**. Belém: Cejup, 2004, p. 31-86.

BERND, Zilá. **Introdução à Literatura Negra**. São Paulo: Brasiliense, 1988.

BONNICI, Thomas. O cânone literário e a crítica literária: o debate entre exclusão e a inclusão. In: BONNICI, Thomas; FLORY, Alexandre; PRADO, Márcio. (Orgs.). **Margens Instáveis: tensões entre teoria, crítica e história da literatura**. Maringá, EDUEM, 2011, p. 101-128.

CAMARGO, Oswaldo de. **A Descoberta do Frio**. São Paulo, Cotia: Ateliê Editorial, 2011.

CEIA, Carlos. **Paraliteratura**. In: E-Dicionário de Termos Literários (EDTL). Disponível em: <<http://www.edtl.com.pt/undefined/>>. Acesso em 17 de abr. de 2013.

DOMINGUES, Petrônio. **Movimento Negro Brasileiro:** alguns apontamentos históricos. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/tem/v12n23/v12n23a07>>. Acesso em 21 de mar. de 2013.

FERNANDES, Florestan. Aspectos da questão racial. In: _____. **O Negro no Mundo dos Brancos.** São Paulo: Global, 2007, p. 38-63.

MOURA, Clóvis. Prefácio. In: CAMARGO, Oswaldo de. **A Descoberta do Frio.** São Paulo, Cotia: Ateliê Editorial, 2011, p. 11-17.

MOURALIS, Bernard. **As Contraliteraturas.** Coimbra: Almedina, 1982.

MUNANGA, Kabengele; GOMES, Nilma Lino. Racismo, discriminação racial e ações afirmativas: a sociedade atual. In: _____. **O Negro no Brasil de Hoje.** São Paulo: Global, 2010, 171-197.

SANTOS, Joel Rufino dos. **O Que é Racismo?** São Paulo: Abril Cultural: Brasiliense, 1984.

SOUZA, Florentina da Silva. **Afrodescendência em Cadernos Negros e Jornal do MNU.** Belo Horizonte: Autêntica, 2006.